

SE7E

KREMLIN



LOURAS A GOSTO

MARILYN NA TV KIM NO CINEMA

..... RUI PEGO PAULO BRANCO SANTANA
 CAMÕES FERNANDA LAPA RONALDO BASTOS
 TOM PETTY HAPPY MONDAYS
 HUE & CRY JUAN LUÍS GUERRA

osicom
 computers

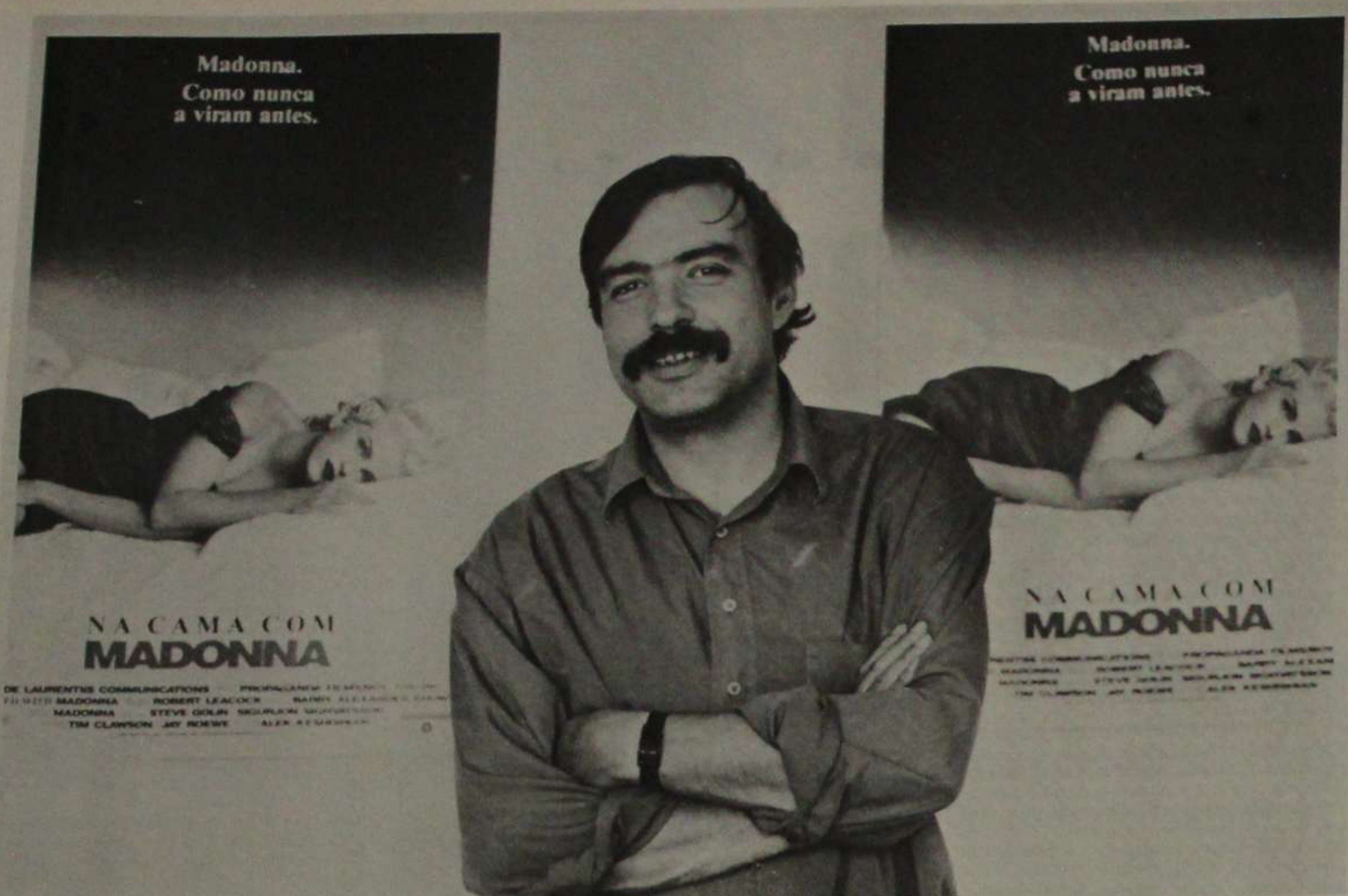
made in USA



OSICOM
 para si
 que exige alta
 performance

TRIBUS

a sua melhor opção em informática



PAULO BRANCO

bananas!

Não vale a pena pedir-lhe que fale de si, dos quilos que emagreceu para poder participar em raides hípicas de centenas de quilómetros ou dos filmes que mais gosta. Mal lhe chega o tempo para dizer tudo o que pensa sobre a situação do cinema em Portugal. E que acredita ser verdadeiramente imprescindível ser dito. Sem meias palavras e a chamar os bois pelos nomes. Salvo seja.

— Podíamos começar pela sua actividade de produtor. Há uma produtora que prevê produzir cerca de 10 filmes portugueses a curto prazo, entre eles, o de João Botelho, Eduardo Guedes, Margarida Gil e outros. Estou, como sabe, a referir-me ao Animatógrafo. O Paulo Branco deixou de estar disposto a investir nessa área ou, doravante, só produz projectos de «topo», digamos assim, como o Manoel de Oliveira?

— Eu não falo do trabalho dos outros. Ao nível da produção sempre tive a minha política, independentemente de todas as outras. É lógico que continuo a minha relação com alguns realizadores, aqueles com quem sinto maior cumplicidade, relação essa que me parece ter sido extremamente frutuosa ao longo dos anos. Relativamente à produção pode parecer que houve uma paragem, o que é totalmente falso.

«A Divina Comédia», do Manoel de Oliveira, está pronto e estará presente na selecção oficial do Festival de Veneza, em competição. Estreará em Portugal a 1 de Novembro depois de passar na Europália a 10 de Outubro e noutros festivais, os quais não posso adiantar ainda pois estou em vias de receber confirmações. Além disso, o filme estreará paralelamente em França, Itália, Alemanha e Suíça, até ao fim do ano.

— E, se não está parado, quais são os outros projectos?

— Produzi o filme do Alain Tanner que, queria anunciar, vai estar na selecção oficial em competição em Montréal. Chama-se «L'Homme Qui A perdu Son Ombre»/«o Homem Que Perdeu A Sua Sombra», é uma produção franco-hispano-suíça e estreia em Portugal até ao fim do ano. Acabei também a rodagem de outro filme, em França da realizadora Danielle Doubroux. É uma terceira obra o título é «Borderline» e, provavelmente, estará também em competição em Montréal. Também em França terminei a rodagem de uma primeira obra assinada por Patrick Mimouni, onde participam Arielle Domballe e Luis Miguel Cintra. O nome é «Villa Mouresque»/«Vila Mourisca» e o filme passa-se em Portugal e teve apoio do IPC. Depois, a 1 de Setembro, vamos arrancar com a rodagem do próximo filme de Raul Roiz, que será uma co-produção

Afirmou-se primeiro como produtor. Depois, quis tornar-se distribuidor e exhibidor dos filmes que produzia e conquistar um lugar muito especial na cena cinematográfica nacional. Sabe disso e faz questão de nunca estar parado. Novidades de Paulo Branco, contadas a Teresa Carmo. Gonçalo Rosa da Silva fotografou

entre a Sidérale (Paris), co-produtora do Kieslowski, e a Madragoa, com actores internacionais. O filme vai chamar-se «La Terreur Du Midi».

— Que actores internacionais? E elenco português já está escolhido?

— Ainda não posso dizer, porque é uma coisa que depende também dos estrangeiros. Mas estamos a contar, por exemplo, com o Christopher Lee e o John Hurt.

— Virão cá? A rodagem será integralmente feita em Portugal?

— Integralmente. Estamos a negociar a vinda deles. Além disso estou já a preparar o próximo filme do Manoel de Oliveira — do qual é excusado perguntar, não posso adiantar nada — que tentamos começar a rodar ainda este ano.

— E quanto à série de quatro episódios para a RTP sobre os elementos, fogo, ar, água e terra?

— Estou a assinar com a RTP. Os episódios vão ser realizados por Joaquim Pinto, João Botelho, Pedro Costa e João César Monteiro. Estamos em preparação do próximo filme do João Mário Grilo, «Os Olhos da Ásia»...

— Mesmo sem subsídio? (o filme concorreu ao subsídio do IPC na modalidade de escritura do argumento).

— Claro tenho grandes esperanças que ele o obtenha agora. Acho inacreditável que não lho tenham dado, mas isso é outro assunto.

— Já lá vamos. Entretanto, não põe a hipótese de concorrer com o projecto como produtor?

— Eu não acredito que eles não dêem. Também tive algumas dificuldades em impor «O Processo Do Rei» ao júri do IPC e provou-se que o JMG é um grande realizador... Tenho também o projecto do João Canijo em fase de escrita. Já tem título («O Curioso Impertinente») e vai ser uma co-produção luso-hispano-francesa, para começar a rodar no princípio do ano que vem. Além disso tenho o novo filme do Pedro Costa («Quando Não Estão a Olhar Para Mim»).

— Já tem parceiros para esses projectos todos?

— Ainda é muito cedo. O que penso é que houve alguns atrasos devido às modificações que sofreu o IPC, o que não implica que as pessoas parem. Há ainda outra série que está para ser aprovada pela televisão, elaborada pelo João Mário Grilo e outros realizadores. Já foi aprovada a escrita dos argumentos e estamos à espera da aprovação definitiva.

— É sobre crimes portugueses, creio? Já tem nome?

— É isso. Eu para nomes é que... Todos estes projectos estão a andar, ou seja, nada está parado.

— Já foi contactado por algum projecto de TV privada?

— O único contacto que tive foi com o projecto da D. Maria Elisa que é, de todos, o único que me poderia interessar. Os outros, em termos de produção nacional, penso que não têm pés nem cabeça, o que, aliás, acho extremamente grave. Continuo a acreditar de qualquer maneira, que a RTP tem um papel-chave na produção nacional.

— A TV privada não é, portanto, um mercado em que potencialmente lhe interesse investir?

— Ainda é cedo para saber que mercado é esse, porque as grandes decisões estão por tomar. Mas, repito, não me queixo do relacionamento que continuo a manter com a RTP. Apesar da demora na tomada de decisões, devido a um excessivo peso burocrático, ela tem também uma abertura muito grande. E, o único que poderia ter idêntica atitude, parece-me ser o dr. Proença de Carvalho.

— Eu lembro-me de, ainda há um ano, o Paulo se queixar de grandes insuficiências por parte da RTP...

— Acho que há muita coisa a melhorar. Mas eu sou um optimista por natureza e penso que eles já se aperceberam disso.

— Está a falar de séries para TV ou apoio a longas-metragens?

— Séries. O apoio passa por muitos sectores que, por vezes, sofrem conjunturas de impasse entre o governo e a RTP que acabam por prejudicar muito os projectos. Relativamente aos filmes, não me

posso queixar: o dr. Brás Teixeira tem apoiado sempre os meus filmes. Mas nas séries, que é um campo novo, julgo que a RTP também se apercebeu de que os meios postos à nossa disposição eram insuficientes, mas que é possível fazer muito boas séries em Portugal. É nisso que estamos apostados.

— Mudando um pouco de assunto, considera que já há uma política cinematográfica em Portugal, ou as coisas continuam a depender da boa vontade de quem está no poder?

— Eu penso que nunca houve uma política de cinema em Portugal. E muito cedo para fazer um comentário concreto à situação. Há aspectos positivos e negativos. Positivo é que, de uma maneira geral, foram criados os mecanismos para que haja um funcionamento normal da produção em Portugal. Já houve também situações que suscitaram grandes dúvidas.

— Refere-se ao caso de Maria de Medeiros e do Fonseca e Costa, com o sr. Ventura?

— Exacto. Eu não me queria pronunciar directamente sobre essa situação, mas acho que um caso desses, a existir, não deveria passar pelo IPC mas, directamente, pela SEC. O secretário de Estado deve ter o dinheiro e o direito para apoiar os projectos que considera interessantes, ou de interesse nacional, mas que isso não prejudique outro tipo de projectos que existem em função das regras existentes. É para esses que o dinheiro do IPC deve servir. Como aconteceu em França com o sr. Jack Lang.

— Refere-se à hipótese do saco azul?

— Exactamente.

— Quanto ao resultado do primeiro concurso, qual é o seu comentário?

— Acho que foi dramática esta primeira escolha. Atribuo isso a um erro de juventude do júri. Há grandes mitos em Portugal e grandes rancores relativamente ao que se passou nos últimos dez anos e que estão a vir ao de cima. É inacreditável que as pessoas, não sei se por analfabetismo ou desinteresse, não se tenham apercebido que houve uma mudança radical no cinema português. Não se podem apoiar o mesmo tipo de projectos que se apoiavam há 20 anos.

— Refere-se ao tipo de argumentos aprovados?

— Sim. Por outro lado, há aí uma grande hipocrisia porque os grandes defensores do cinema para o público não perceberam que o público mudou. Continuam a matraquear que o cinema português não tem público, quando são esses filmes que, neste momento, fazem público em Portugal, e a sério. Posso dizer-lhe que o «Non...» fez o dobro de todos os filmes que o Robert de Niro estreou em Portugal. E não teve acesso a muitas salas que, neste caso, estão concentradas nas mãos da Lusomundo, que não achou importante estreá-lo nas suas salas. Portanto, quero pôr os pontos nos is: neste momento, o João Mário Grilo, o João César Monteiro e o Manoel de Oliveira são cineastas comerciais.

— Acha que os filmes devem ser feitos a pensar no público?

— Eu não mudo o meu ponto de vista. Um filme não é feito para o público. Avultam, na história do cinema exemplos de filmes geniais que tiveram imensas dificuldades em chegar ao público na altura em que foram produzidos. Daí eu não querer cair nesse populismo.

— Casos de «A Regra do Jogo», do Renoir ou...

... Ou dos filmes de Orson Welles, filmes que são hoje marcos. Ou seja, é preciso ter muito cuidado com este tipo de discurso. Os filmes existem por eles próprios. Se, na altura em que estreiam, têm dificuldades, daí a dez anos as coisas estão completamente mudadas. Há filmes que estão à frente do seu tempo.

— Aqueles que produzem?

— Também por vezes. E não digo isto porque os filmes que eu estreei foram grandes sucessos cá. Lá fora fizeram uma grande carreira, tiveram uma recepção retumbante da crítica, e o caso do «Non» foi impressionante a esse nível. Goste-se ou não, as pessoas têm de se render a esse tipo de evidências. O «Non» passou em perto de uma centena de Festivais... É incrível, verdadeiramente escandaloso, o que se passou com o Prémio Europeu de Cinema!

— Contesta a escolha de «Os Cornos de Cronos», de Fonseca e Costa?

— Terem escolhido outro filme que não o «Non» é inacreditável. Em certames com essas características deve ir o filme mais representativo de cada cinematografia. E «Os Cornos»... bom ou mau, esteve 15 dias em cartaz. Não foi só isso: foi recusado em praticamente todos os festivais internacionais. E onde foi teve a recepção que teve, como em Valladolid — basta ir ao «El País» e verificar a crítica que lhe foi feita. Além de que é um filme que nem sequer teve divulgação europeia. Não tem nada a ver com gostar dos filmes. Eu aceitaria lindamente, por exemplo, que, no ano em que foi feito «O Lugar do Morto» tivesse sido esse o filme a ir aos Prémios Europeus de Cinema. Agora, este ano acho de uma gravidade enorme o que aconteceu. Isto é mesmo um país de bananas, desculpe que lhe diga. Ridículo.

— Bom, voltando ao público. Repugna-lhe que esse seja um critério valorativo dos filmes?

— O pacote de medidas ainda não saiu. Mas esse não pode ser o único critério. Há os festivais, o apoio crítico nacional e internacional... A qualidade de um filme não pode ser medida por aí, se não desatávamos a fazer telenovelas brasileiras.

— Isso vem de encontro a uma acusação que muito se tem feito ao cinema português, de se dirigir prioritariamente aos festivais e, só depois, ao público, português, em particular...

— Os senhores que dizem isso são perfeitos mentecapos. Chamo-lhes isso e chamo-lhes hipócritas, ainda por cima, porque uma coisa não exclui a outra, antes pelo contrário. Filmes como «O Processo do Rei», «Recordações da Casa Amarela» ou o «Non» são bem exemplificativos do que digo. Isso é que são invejas e infelizmente qualquer analfabeto em Portugal pode dizer o que quer, que é publicado.

— Obrigado...

— Não é isso. Acontece é que essas são pessoas que nunca conseguiram nada, nem estreias, nem jornais, nem mesmo nada. Há um caso recente que posso citar que, por muitos motivos e por culpa de muita gente, não tocou o público «O Bobo», e não é por isso que vou dizer que o sr. José Álvaro de Moraes não é um bom cineasta ou «O Bobo» um mau filme.

— O IPC queixa-se por vezes que os produtores não cumprem os prazos estipulados pela lei e que isso dificulta tudo. Serve-lhe a carapuça?

— Nem por isso. Sempre cumpro prazos e leis. O que tem é de haver mais flexibilidade e ter em conta as dificuldades que têm os produtores em Portugal, sujeitos a diversos tipos de atrasos nos financiamentos de que não têm culpa. Penso que alguns produtores têm culpas no cartório. Isso temos todos: não há quem não tenha telhados de vidro. Mas o IPC também os tem. E a RTP também, portanto, penso que não tem interesse esse tipo de discussão.

— Está de acordo com a duração da vigência do júri (3 anos)?

— Não, não estou, para Portugal é demasiado tempo. E pode ser grave a médio prazo, se continuar assim.

— Apesar de se ter demitido da APF durante os Estados Gerais, está solidário com as posições assumidas publicamente por aquela Associação?

— Neste momento não estou solidário com nenhuma posição assumida publicamente apesar de ter simpatias por algumas delas. Neste período de tempo pôs-se em prática um plano de emergência



«Terem escolhido outro filme que não o 'Non...' para os Prémios Europeus de Cinema é inacreditável. Verdaderamente, escandaloso. 'Os Cornos de Cronos', bom ou mau, esteve 15 dias em cartaz (...), foi recusado em praticamente todos os festivais e onde foi teve a recepção que teve (...) Isto é mesmo um país de bananas»

contra o qual estou, só que não quero de maneira nenhuma prejudicar as conversações da APF com o IPC.

— Por que razão é contra?

— Porque se trata, de certa maneira, de recompensar as pessoas que não cumpriram. Não tenho lá nenhum filme meu. Porque seria muito fácil para mim parar, porque não tinha dinheiro, e esperar por um plano de emergência. Eu fiz dívidas para os acabar, criei situações por vezes extremamente difíceis, mas acabei os filmes. Portanto, sinto-me lesado por esse plano. Mas não me quero envolver nessa discussão: quando acabar passa-se uma esponja sobre o assunto. Além disso, não sei concretamente o que se passa, mas julgo que as pontes ainda não estão definitivamente cortadas.

— E quanto à constituição do júri?

— Já referi a minha posição. Só que acho que se concorremos, temos de, a partir daí, aceitar o júri. Por outro lado, as regras que estão prometidas, e para ser publicadas, são urgentes, como a questão dos subsídios automáticos. Porque há produtores que arriscaram e investiram todo o trabalho para que os filmes tivessem uma difusão internacional, que deveriam ter a possibilidade de uma certa liberdade em relação aos filmes a produzir e, que não forem contemplados pelo concurso...

— Produtores como o Paulo! Defende o currículo do produtor como garante de investimento?

— Não é exactamente isso, os resultados que o produtor teve até essa altura devem poder converter-se na possibilidade de o produtor poder apostar, por exemplo, num filme em que o júri não acredite. Os subsídios extraordinários deveriam ser clarificados.

— Para terminar. Admite que as suas várias empresas têm tido uma imagem de fragilidade considerável, e fala-se em dívidas e faltas de pagamento... A situação mudou com a sua entrada no panorama da distribuição e exibição?

— O problema é esse. Isto foi tudo criado no fundo, sem haver à partida uma base financeira sólida. Foi uma aventura. Eu tremia. Agora passo muito mais tempo em Portugal do que passava e isso permitiu-me concretizar uma estratégia que já há bastante tempo perseguia.

— Muitas empresas, nos vários ramos da actividade?

— Não são muitas. Por existirem todas ao mesmo tempo é que deu essa impressão. Cada uma tem a sua especialidade e são todas absolutamente complementares.

— Então deixou de ter problemas financeiros?

— Eu penso que os vou ter sempre. Porque sou uma pessoa que gosta de investir e arriscar, no sentido de levar sempre mais longe aquilo que me proponho.

QUEM É QUEM NO CINEMA E NO VÍDEO

A vida e obra de 280 actores e realizadores de cinema, preparada por alguns dos melhores críticos de cinema: Pedro Garcia Rosado, Eurico de Barros, Manuel Cintra Ferreira, João Antunes e Manuel Pereira.

A companhia ideal para ver cinema!

Steve Mastroianni • Marcello Mastroianni • James Mason • Marcello Mastroianni • Vincent Minnelli • Steve McQueen • Vincent Minnelli • Roger Moore • Bill Nicholson • Leonard Nimoy • Robert M. • Bill Nicholson • Leonard Nimoy • Nick Nolt • Agnès Oshima • Peter O. • Paolo Pasolini • Gregor • Michelle Pfeiffer • Michael Powell • Otto Preminger • Vincent Price • Dennis • Ray • R. • A. • R. • Me. • Sc. • C. • St.

Stone • Meryl Streep • Kiefer • Donald Sutherland • John Sturges • Elizabeth Taylor • Tracy • Kathleen • António-Pedro Vasconcelos • Verhoeven • Ch Walken • Raoul Walsh • John Wayne • Sigourney

ACTORES • REALIZADORES
BIOGRAFIAS • CURIOSIDADES
OS FILMES EM DESTAQUE

SETE

DIFUSÃO CULTURAL
LIVROS EM TODOS OS SENTIDOS

ALEC BALDWIN o bom

Alec Baldwin confirma em «Esta Loura Mata-me» o estatuto de «star» que vinha impondo discretamente. Como acontece com muitos actores americanos começou por se fazer notar através da televisão, em «soap operas» da treta para ir passando, pé ante pé, às «primetimes», as tais séries de horário nobre («The Doctors») que são um passaporte para o sucesso certinho. Outra coisa não queria o nosso Alec, um entre os muitos filhos de uma honesta e nada cinematográfica família oriunda de (acredite-se quiser), Massapequa. Exactamente (!), no Estado de Nova Iorque.

Na sua estreia cinematográfica, Baldwin contracenou com Hanna Schygulla e Deborah Harry, em «Forever Lulu» (1987). A seguir vai fazendo uma perninha nos palcos da Broadway, em peças como «Loot» de Joe Orton (autor que o Teatro da Graça nos deu a conhecer há uns anos atrás) até ao mais recente «Preludo a um Beijo», cujo êxito provocou já a adaptação ao ecrã.

Depois seguiram-se-lhe aparições cada vez menos apagadas em filmes de relativo sucesso, até alcançar um ritmo de trabalho invejável, com cinco filmes rodados em 1988. «She's Having a Baby» / «A Vida Não Pode Esperar», de John Hughes, «Beetlejuice» / «Os Fantasmas Divertem-se», de Tim Burton, o rodopiante «Talk Radio» / «As Vozes da Ira», de Oliver Stone, «Married To The Mob» / «Viúva... Mas Não Muito», de Jonathan Demme, onde contracenou com outra loura escaldante, Michelle Pfeiffer, e o aparvalhado «Working Girl» / «Uma Rapariga De Sucesso», de Mike Nichols, ao lado de mais uma louraça de tórridos apelos (já é mania), Melanie Griffith. Em 1989, integra o elenco de «Great Balls Of



Fire» / «Rock de Fogo», de Jim McBride. Mas é John McTiernan quem faz subir em flecha a cotação do rapaz, ao oferecer-lhe o papel de Jack Ryan, o destemido agente da CIA que aterra, literalmente, no submarino de «The Hunt For The Red October» / «Caça ao Outubro Vermelho». Depois fez «Miami Blues» / «A Balada de Miami» já como

primeiro nome do género e suspeita-se que assim vá continuar. Era um filme de raiz policial em registo pouco ortodoxo, em que Alec Baldwin dava corpo (e que corpo!) a um marginal violento e encantador que podia ser tudo o que quisesse... se soubesse o que queria ser. Principalmente aqui, a presença do senhor começa a ser inquietante. Seria por causa da carinha laroca ou do formato escultural? Ou seria do modo inqualificável como alia um ar um tanto estouvado com aquela candura quase pueril de quem está sempre pronto para uma farrá desmiolada, mas não é por mal? Seja pelo que for, Alec tem um carisma difícil de ignorar.

As ondas de charme que esbanja à sua passagem não passaram, aliás, despercebidas a Kim Basinger. Em «Esta Loura Mata-me» ela diz que ele é um verdadeiro animal. Ele não descansou até lho provar «off-screen». Ela não dormiu bem até o confirmar. Divertiram-se imenso durante a rodagem do filme, mandando e desmandando a seu bel-prazer e criando um ambiente de tal modo tenso que se viram «forçados» a fugir ao trabalho para uma viagem-romance-relâmpago em parte incerta. Excesso de zelo, evidentemente. Um verdadeiro actor é o que deveras sente o papel e o casal quis provar que leva tudo muito a sério. Tão a sério que o belo Baldwin é agora o namorado oficial da Basinger. Que disparate, Alec!

■ Teresa CARMO

FILMOGRAFIA

- Forever Lulu, 1987
- She's Having a Baby / A Vida Não Pode Esperar, de John Hughes, 1988
- Beetlejuice / Os Fantasmas Divertem-se, de Tim Burton, 1988
- Talk Radio / As Vozes da Ira, de Oliver Stone, 1988
- Married To The Mob / Viúva... Mas Não Muito, de Jonathan Demme, 1988
- Working Girl / Uma Rapariga de Sucesso, de Mike Nichols, 1988
- Great Balls Of Fire / Rock de Fogo, de Jim McBride, 1988
- The Hunt For The Red October / Caça ao Outubro Vermelho, de J. McTiernan, 1989
- Miami Blues / A Balada de Miami, 1990
- Marrying Man / Esta Loura Mata-me, de Jerry Rees, 1991

KIM BASINGER a boa

Ela canta em «Esta Loura mata-me!» (To Hot to Handle). Talvez não com o saber fazer de Michelle Pfeiffer em «Os Fabulosos Irmãos Baker» mas mesmo assim com o fiozinho agradável de voz e expressão corporal à maneira. Será preciso acrescentar que o filme estabelece Kim Basinger, a outra tentação loura, como a vamp suprema de Hollywood e a mulher que poderia ocupar o trono deixado vazio por Marilyn?

Um ex-modelo da reputada agência Eileen Ford de Nova Iorque, Kim Basinger, nascida na Gérgia, tinha todo o equipamento para personificar a personagem de Vicky Anderson e para contracenar com Alec Baldwin numa comédia louca que faz lembrar os filmes divertidos onde as amantes dos gangsters arranjam sempre complicações ao herói. O primeiro filme — filme de longa-metragem de Basinger, para lá de aparições na TV — foi «Hard Country», ao lado de Jan-Michael Vincent.

Ela interpretava aí a rapariga cheia de sonhos, ansiosa por escapar a uma vida mesquinha e a um marido possessivo e convencional. Ainda hesitante, adivinhava-se nela a futura «star». Ocupava naturalmente o centro do filme, sendo a personagem para quem iam as simpatias do espectador.

Vieram depois os papéis em «Mother Lode», uma aventura na Canadá e em que, inesperadamente, Charlton Heston faz o papel de mau e Kim Basinger pouco mais do que o papel de boa, uma presença decorativa numa longa-metragem com grande parte da acção decorrendo em profundas cavernas, pois tratava-se de tomar conta de uma fabulosa mina de ouro. Blake Edwards fez um «remake» desastroso do filme de Truffaut, «O Homem que Gostava das Mulheres». Na América chamou-se «Os Meus Problemas com as Mulheres». Além de Basinger, «os outros problemas» eram Julie Andrews, Marilu Henner, Cynthia Sikes e Jennife Edwards. A vida estava complicadíssima para Burt Reynolds, o homem que gostava delas e Kim Basinger era a presença mais voluptuosa. Embora sem receber cartazes de estrela, ela



ganhou evidência nesses dois filmes.

Em «The Natural» o seu estatuto sobe. É uma realização de Barry Levinson e Kim Basinger, numa história que se ambienta no jornalismo desportivo, enfrenta Robert Redford e monstros sagrados como Glenn Close, Robert Duvall, Barbara Hershey, Wilford Brimley. Pela primeira vez desde que a modelo se transformou em actriz, Kim Basinger está ao lado dos grandes. A seguir surge uma oportunidade a que ela não pode dizer que não: um «007» que, embora fingido à produção de Broccoli, conta no seu adeus a James Bond com Sean Connery. A super-produção do mesmo ano em que também

houve um Bond com Roger Moore chama-se «Nunca mais Digas Nunca» (Never Say Never Again) e Kim Basinger recebe o mesmo «billing» que Barbara Carrera. Apesar de «007» a salvar no fim das garras de bandidos árabes ainda não é a consagração.

O panorama muda com «Ligações Quentes» (Fool for Love), um drama de Sam Shepard em que ela contracenou com o autor-actor. Num motel dois ex-amantes descobrem que a sua ligação teve implicações que desconheciam, eles são meio-irmãos. O filme nunca foi exibido nas salas de Portugal mas apenas editado em vídeo. Kim Basinger mostra ansiedade e vulnerabilidade, anunciando capacidade para voos mais altos, embora os produtores continuem a ver nela apenas a linda boneca que também representa.

Já com o caminho desbravado passou a alternar comédias com dramas, refinando a sua sensualidade de filme para filme e mostrando-se sempre devastadoramente «sexy». Revelou também tendência para dar réplica aos intérpretes masculinos mais em voga: em «Nadine — Um Amor à Prova de Bala» foi com Jeff Bridges, em «Encontro Inesquecível» com Bruce Willis, em «Sem Perdão» com Richard Gere e na famigerado «9 Semanas e 1/2» com Mickey Rourke. Sofrendo cortes nos EUA e originando uma minipolémica que só favoreceu a carreira do filme, «9 Semanas e 1/2», de Adrian Lyne, ficou célebre pelo «strip tease» de Kim Basinger e por seqüências eróticas que exploravam as possibilidades de cenários exóticos em Nova Iorque, numa história de amor sem passado e sem futuro.

Depois de uma comédia que «não funcionou bem», «A Minha Madrasta É uma Extraterrestre», vem o superêxito «Batman», um dos filmes mais caros de todos os tempos mas que também pulverizou todas as receitas de bilheteira. Kim Basinger foi a perfeita Vicky Vale no meio de Michael Keaton (Batman) e Jack Nicholson (Joker)

■ José VAZ PEREIRA

FILMOGRAFIA

- 1981 — Hard Country
- 1982 — Mother Lode
- 1983 — Never Say Never Again / Nunca mais digas nunca
- 1984 — The Natural
- 1985 — Fools for Love / Ligações Quentes
- 1987 — Nadine / Nadine — Um Amor à Prova de Bala
- 1987 — Blind Date / Encontro Inesquecível
- 1986 — No Mercy / Sem Perdão
- 1986 — 9 1/2 Weeks / Nove Semanas e meia
- 1988 — My Stepmother is an Alien / A Minha Madrasta É uma Extraterrestre
- 1989 — Batman
- 1990 — Esta Loura Mata-me! / To Hot to Handle

Refrescante. Dá gosto/gozo ver uma comédia como «Esta Loura Mata-me». Kim Basinger, Alec Baldwin, um bom lote de secundários, argumento bem trabalhado, diálogos a cortar. Sobre tudo uma história engraçada que nos remete para a «golden ages» da comédia, género que nos últimos tempos tem andado mesmo no mó de baixo.

Kim e Alec. Ela canta, ele é um «playboy», ótimo a «herdar», filho de um magnate das «pastas de dentes». Kim/Vicky Anderson anda perdida nos confins da América, num bar à beira do deserto cantando Cole Porter para clientelas pouco exigentes. Alec/Charley Pearl segue em aventura/despida de solteiro, (conduzido pelos amigos) antes de dar o nó com a filha de um grande «ty com» de Hollywood. Kim é a «namorada» de um famoso «gangster», senhor que dá pelo nome de Buggy Siegel (nos próximos tempos veremos esta personagem a habitar o físico de Warren Beatty no filme «Siegel» de Barry Levinson). Alec pensa estar apaixonado e afirma que chegou a altura de assentar e constituir família.

Encontram-se no dito bar. Quando Kim/Vicky aparece em palco a cantar o «Let's Do It» de Cole Porter o rapaz Alec/Charley fica completamente embasbacado. Atónito, «passado» dos carretos. Esquece o casamento, os conselhos dos amigos (afinal tratava-se da garota de Buggy Siegel coisa má para a saúde de qualquer mortal) e lá consegue o «encontro imediato» com a loura escaldante. As escondidas entra pela janela. Quando acaba a função tem uma plateia pela frente, constituída pelo «gangster» e por dois brutamontes. Vai pagar caro aquela «ligação perigosa». Com a vida? Pior: com um casamento forçado que destrói a viabilidade do seu casamento com a «princesa» das fitas.

«Esta Loura Mata-me» é a história das convulsões românticas entre Charley e Vicky, entre Alec e Kim. Casam-se e separam-se, voltam a casar-se, divorciam-se, reencontram-se, casam-se, constituem família, divorciam-se novamente para voltarem a dar o nó uma última vez. No fim o amor vence, coisa que nós espectadores já tínhamos percebido desde o início: aqueles dois estavam feitos um para o outro. Só que o destino prega grandes partidas e o casalinho tem de prestar provas até atingir a meta do «they lived happily ever after»...

Verídico

O argumento de Neil Simon baseou-se em personagens e situações verídicas. A acção decorre entre 1948 e 1956, tempo para o contínuo casa-descasa entre os protagonistas, aliás foi (mais ou menos) nessa época que teve lugar o romance entre Harry Karl, grande senhor da indústria do calçado, e Marie «The Body» MacDonald, actriz e cantora, que forneceu os moldes para as personagens aqui interpretadas por Kim Basinger e Alec Baldwin.



Tal como nesta fita, também Harry Karl e Marie MacDonald se casaram quatro vezes. Marie teve um «affair» com Buggy Siegel e os quatro amigos que acompanham Charley e Vicky ao longo do filme (servindo de coro) são, também, baseados em personagens reais: o actor Phil Silvers (que teve um dos seus momentos de glória quando contracenou com Gene Kelly e Rita Hayworth no filme «Cover Girl/Modelos»), o cantor-actor Tony Martin, o compositor Sammy Calm e o jogador de baseball Leo Durocher.

Não é apenas pelo facto de a história se basear em situações e personagens reais que «Esta Loura Mata-me» sofre de tão forte nostalgia pelos «forties». Neil Simon e Jerry Rees (o estreado realizador do filme) apostaram numa recuperação da comédia romântica, salpicada com ingredientes da «screwball comedy» (nos melhores momentos o filme evoca coisas tão fabulosas como o «The Palm Beach Story/Um Marido Rico» de Preston Sturges, as comédias de Howard Hawks e o «My Man Godfrey» de Gregory La Cava). Conseguiram-no.

A condução da fita é eficaz e ligeira (narração em «flash back» com a história contada por um dos amigos do casal), identificando-se perfeitamente com o rocambolês da história. Aliás, a formação de Jerry Rees, (realizador de animação), e o seu gosto pelos «cartoons» é notória na própria forma como constrói os «gags», como manipula as personagens, no ritmo que confere à narrativa. Por outro lado os diálogos de Neil Simon também ajudam. Fortes, corrosivos, contundentes, na melhor tradição americana.

Rodagem alucinante

A produção deste «The Marrying Man/Too Hot To Handle» (este último foi o título que recebeu para a exploração fora dos EUA) não foi um mar de rosas. A rodagem decorreu de forma alucinante. Jerry Rees nunca conseguiu dominar os seus actores. Kim Basinger, considerada uma «actriz difícil», resolveu fazer justiça a essa condição. Alec Baldwin surpreendeu... pela negativa. Considerado como um indivíduo extremamente profissional, cumpridor, cortês, transformou-se por completo e andou a partir telefones e a atirar cadeiras às cabeças dos electricistas, talvez «contaminado» pela sua «co-star».

Consta que desde o início das filmagens (a 29 de Maio de 1990), se produziu «uma reacção química explosiva» entre Kim e Alec que entraram verdadeiramente na pele das personagens que interpretavam. Assim as «falsas» dos encontros sexuais imediatos entre eles rapidamente se transformaram num «incêndio» impossível de controlar.

O orçamento do filme inflacionou devido aos constantes atrasos e caprichos das vedetas (passaram horas a fio fechados na caravana de Kim Basinger) que decidiram tomar conta do filme. Nesses caprichos conta-se um súbito desejo de passarem um fim de semana no Brasil (com o conseqüente atraso na produção), o despedimento do director de fotografia original (que não fazia justiça à beleza de Basinger...). Resultado: Jerry Rees acabou por dar entrada num hospital a contas com um esgotamento nervoso, só depois conseguindo terminar o filme... Provavelmente este ambiente caótico acabou por ter um efeito positivo no filme, sublinhando com o devido «realismo» o coeficiente «screwball» da história. Perdoem-lhes pois os caprichos...

■ Manuel PEREIRA



Uma comédia divertidíssima, servida por uma excelente banda sonora e um bom lote de secundários. Os dois senhores aqui ao lado casam e descasam três vezes, coisa de somenos importância...

ESTA LOURA MATA-ME

viciados em casar

BANDA SONORA

belle époque



Sejamos sinceros: já há algum tempo, ninguém acreditou quando se anunciou que Michelle Pfeiffer ia cantar. Ainda por cima «Makin' Whoopie» e «My Funny Valentine». Pimba! Estaladona. A lourinha encaixada entre os Baker Boys conseguia não desafinar e, naturalmente, sensualizar. Mas Kim Basinger? Era bom demais, presumiu-se. Afinal de contas, a sua experiência discográfica resumia-se à colaboração com Prince na tão falada «Scandalous Sex Suite», seqüela de «Batman». Mais do que isso era milagre...

São rosas, senhores! A louríssima canta mesmo e dá um brilho especial a clássicos como «Murder», He Says» ou «Honeysuckle Rose», maliciosamente interpretada com uma mais do que evidente suspensão na sílaba «suck» — a cada um o seu juízo... Basinger dispensa mesmo os «paninhos quentes» e atira-se (a expressão é literal) a dois clássicos de Cole Porter: «Why Can't you Behave» e «Let's Do It», leitmotiv de toda a banda sonora. Vibrante, segura, talvez com um pouco de «abanões» vocais exagerados. Mas alguém repara? O resto é exemplar. Ou não fosse a produção da banda sonora de um homem chamado Tim Hauser — Manhattan Transfer, estão a ver? «Stompin' At The Savoy», «Yardbird Suite» (Charlie Parker) e outras que tais. Belle époque, passe o anacronismo.

NOTA: — O disco terá distribuição da Sony Music para o mercado nacional ainda durante o mês de Agosto.

■ J.G.